

MEMORABILIA #7

A FASE DO DESESPERO



MEMORABILIA

NOME FEMININO PLURAL

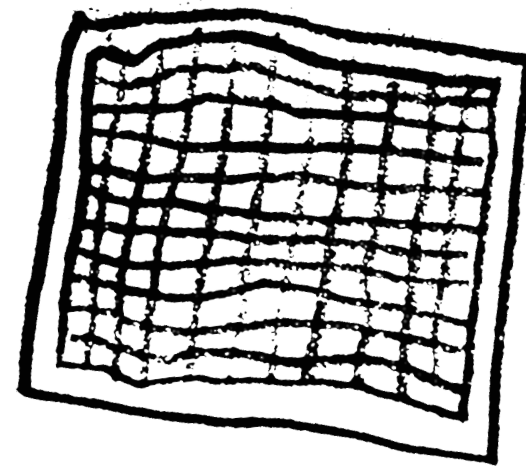
1. CONJUNTO DE COISAS OU ACONTECIMENTOS MEMORÁVEIS.
2. CONJUNTO DE OBJECTOS

ORIGEM ETIMOLÓGICA:

PALAVRA LATINA, PLURAL NEUTRO DE MEMORABILIS,
-E, MEMORÁVEL.

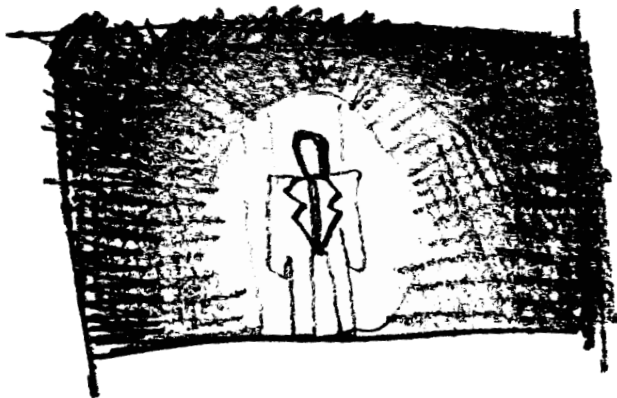
"MEMORABILIA" IN DICIONÁRIO PRIBERAM DA
LÍNGUA PORTUGUESA [em linha], 2008-2004

"Como manter o ânimo quando o futuro parece
uma armadilha em que vamos acabar por cair?
Conseguiremos alguma vez sacudir a angústia que
se foi instalando, esta sensação de que só pode
existir alívio na resignação ou na morte?
Em que é que será ainda possível termos fé?"



Em 2022, estivemos muito perto de tomar a decisão de parar.

O excerto que foi citado na página anterior pertence a um dos textos que eu lia durante *Uma mulher, um homem, um músico e dois deuses entram num bar*, o segundo que apresentámos nesse ano. O primeiro, *Só há título no final*, partiu de uma ideia que a certa altura me ocorreu: partir para a construção de um espectáculo com base numa consulta à população sobre o que gostaria de ver representado. Mais do que o resultado do processo, o objectivo era tomarmos o pulso ao que eram as preocupações de quem vive neste território, para o que foi tentada uma abordagem que tanto incluía reuniões com diferentes entidades e grupos organizados, como recolhas de rua ou um questionário online. A nossa equipa conseguiu reunir cerca de uma centena de contributos, tendo chegado à conclusão de que a amostra era de uma diversidade impossível de transformar num espectáculo linear. Verificou-se a existência de alguns grupos temáticos comuns, mas o que as pessoas consideravam importante variava de tal forma que rapidamente se percebeu que era uma missão impossível. Uma ideia é sempre só uma ideia, os espectáculos podem partir de ideias mas constroem-se a partir de um conjunto de opções práticas, portanto o mais provável é parecer que acabam por trair a pureza da ideia que lhes deu origem. Eu nunca senti que isso fosse um problema, acho que tenho muito pouco apego a essa ideia inicial, é só a ponta do novelo por onde se começa a puxar.



Procuramos contributos de habitantes de todas as freguesias → Montijo

O que é que gostaria de ver representado num espectáculo?

Que sirvam de inspiração para a construção do espectáculo "Jó há título no final"



↑ ANGARIAÇÃO DE CONTRIBUTOS

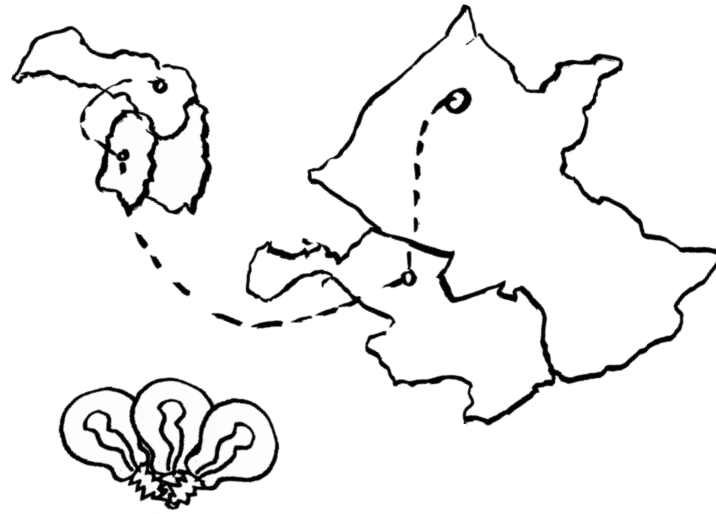
← NO QUADRO AO FUNDO VEMOS A DIVERSIDADE DE PEDIDOS (É UMA TENTATIVA DE ORGANIZÁ-LOS)

Era suposto ter sido eu a dirigir o projecto Só há título no final, mas entre o final de 2021 e o início de 2022 passei por uma série de problemas de saúde, incluindo uma cólica renal e aquilo que deverá ter sido um esgotamento, pouco depois de ter nascido o nosso segundo filho (a Maria e eu somos pais da Leonor e do Luís). Não tenho grandes dúvidas de que no que diz respeito à minha saúde mental, a grande causa dos problemas por que tenho passado é a forma como vivo esta actividade. 2021 tinha sido um dos anos mais exigentes para a Mascarenhas-Martins, com uma aceleração pós-pandémica inacreditável. Só para dar um exemplo: poucos dias depois do final de mais um confinamento, fui ter com o Luis Miguel Cintra, que me disse que gostaria de começar os ensaios para um novo espectáculo em duas semanas. Era o *Pequeno Teatro Ad Usum Delphini Vanitas*, que acabaria por estrear em Junho, no Museu da Marioneta (nosso co-produtor nesse projecto). Estávamos em Abril e não havia quase nada, só o texto que o Luis tinha coligido e as suas ideias quanto a quem devia ser envolvido e o que era preciso fazer. Começámos a trabalhar de imediato e conseguimos montar essa produção (nem sei bem como) com muitas outras coisas em simultâneo. Foi a primeira vez que deixei de conseguir estar presente em ensaios, o que me desagradava por vários motivos, sendo o principal a sensação de que essa ausência me colocava do lado de fora do que mais me interessava: o trabalho artístico. A Maria, que tinha sido assistente de encenação do Luis nos espectáculos anteriores (*Um D. João Português* e *Canja de Galinha (Com Miúdos)*, estava na fase final de gravidez, portanto

* 2021

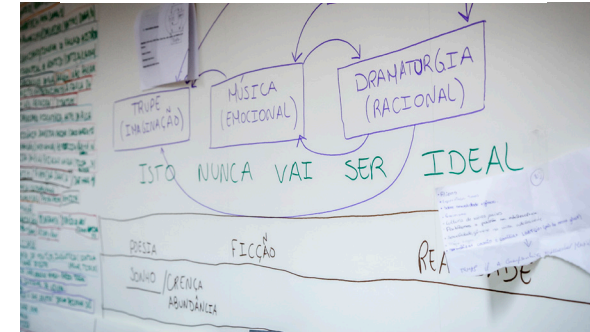
- CLUBE DE TEATRO [FORMAÇÃO]
- ANIVERSÁRIO
- NO. PEQUENA HISTÓRIA DE UM ESPECTÁCULO ADIADO [DOCUMENTÁRIO]
- MENSAGEM DIA MUNDIAL DO TEATRO [LEITURA ENCENADA]
- SE O JOAQUIM D'ALMEIDA SOUBESSE [DOCUMENTÁRIO]
- ÁGUAS DOS MEUS CANSAÇOS [TEATRO]
- ASSIM ACABOU JOAQUIM D'ALMEIDA [DOCUMENTÁRIO]
- SOGNIMOD E SERAVAT [TEATRO PARA A INFÂNCIA]
- VERDADE E CONSEQUÊNCIA [ENTREVISTAS ONLINE]
- CONCERTOS NO SALÃO [PROGRAMAÇÃO - MÚSICA]
 - PEDRO CALDEIRA CABRAL
 - CICLO PREPARATÓRIO
 - CARDO-ROXO
- NO [TEATRO]
- TERRÍVEL ESTADO [DISCO]
- PEQUENO TEATRO AD USUM VANITAS [TEATRO]
- MATA (CO-PRODUÇÃO TEATRO ESTÚDIO FONTENOVA) [TEATRO]
- AQUI P'RA DENTRO [EXPOSIÇÃO PERFORMATIVA]

também não lhe foi possível acompanhar esse trabalho. Nesse ano é como se tivéssemos começado a sofrer, como nunca antes, as consequências da nossa ambição, mas sem que houvesse ainda condições para termos uma equipa fixa que nos pudesse ajudar a lidar com a complexidade do que estava a acontecer. Penso que foi essa sensação de aperto constante que, em conjugação com uma série de questões pessoais, terá levado a essa situação-limite que nunca tinha vivido. Tudo isto para voltar ao *Só há título no final*, que acabou por ser dirigido pela Maria, uma vez que eu não estava em condições de assumir essa responsabilidade. Regressei a tempo de fazer uma pequena participação no início e no fim.



Para esse ano estava prevista uma segunda criação a partir de uma ideia que a Maria andava a imaginar há algum tempo: o ponto de partida era a visita que dois deuses faziam ao nosso planeta, mais especificamente a um bar (enquanto local de algum modo representativo do que pode ser o comportamento humano). O processo chegou a começar, mas também por um conjunto de questões pessoais, não estava a conseguir avançar como era suposto; numa espécie de retribuição do que tinha sido feito pela Maria no projecto anterior, pensei numa forma de abordar o seu espectáculo e ofereci-me para o dirigir. A proposta seria a de assumir, tal como no anterior, a realidade da situação, aproveitando os textos ficcionais que tinham sido escritos pelo Miguel Branco com a minha colaboração e adicionando textos da minha autoria sobre o que se tinha passado nestes tempos tão conturbados. A própria forma de comunicar o espectáculo foi diferente do habitual, com um conjunto de textos escritos por mim, mais ou menos em estilo de diário*, sem problemas em expor da forma mais directa possível o que estava a sentir. Foi um ano doloroso, difícil, que nos fez pensar que não podíamos continuar a trabalhar da mesma forma.

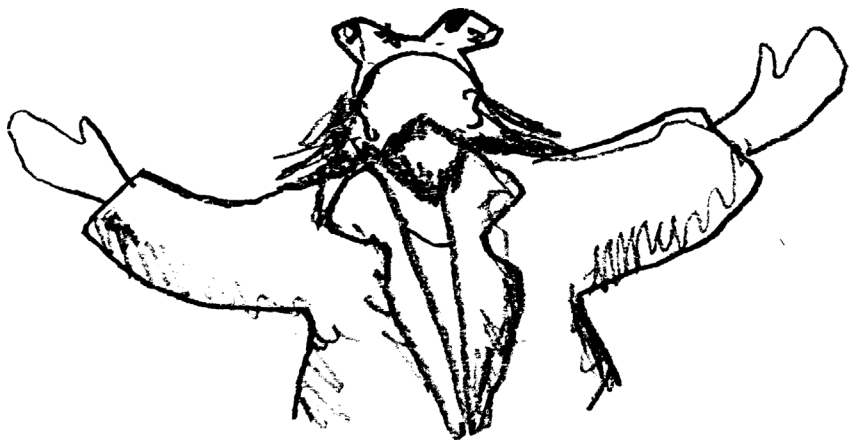
"ISTO NUNCA VAI SER IDEAL"
TÍTULO PROVISÓRIO DE
"SÓ HÁ TÍTULO NO FINAL"



*
NO FINAL DESTA EDIÇÃO
ENCONTRA-SE O DIÁRIO
ESCRITO e FOTOGRAFADO
DE 09 a 22 DE OUTUBRO DE 2022



* quando me refiro a desvalorização simbólica, estou a falar do conjunto de omissões ou acções políticas que contrariam a ideia de que o trabalho artístico continuado é de interesse público e deve ser estimado. Esta desvalorização traduz-se, por exemplo, na percentagem muito diminuta de investimento dos sucessivos Orçamentos de Estado em apoios às artes; na utilização de termos como "subsidiodependência" para actividades que de uma perspectiva económica não têm qualquer hipótese de existir no mercado, embora tenham um papel fundamental no cumprimento dos artigos 73.º e 78.º da Constituição da República Portuguesa; na quase total ausência de discurso público e mediático sobre cultura, como se a mesma não devesse fazer parte do quotidiano de toda a população.



DIÁRIO FOTOGRÁFICO/ESCRITO
DE 08 a 22 de OUTUBRO 2022





Daqui a 13 dias estreamos. O espectáculo é, talvez, o mais sombrio que já fizemos. E também aquele em que decidi expor de forma mais directa aquilo que tenho sentido nos últimos tempos. Decidimos que nestes dias até à estreia faria um diário, o qual poderá ter uma relação mais ou menos evidente com o que vamos apresentar.

Quis o acaso que, neste primeiro dia, estivesse em Évora e não em casa no Montijo. Pensei que podia fazer sentido dar um salto à Capela dos Ossos, que recordava como um local em que a relação com a transitoriedade da vida estava colocada de uma forma ao mesmo tempo solene e cómica. Preencher este espaço com ossadas, como se de qualquer outro material decorativo se tratasse, coloca em perspectiva a importância que damos aos nossos percursos individuais. Ao mesmo tempo, sempre que penso no fim da minha vida, sinto que tenho o dever de ser fiel a alguns princípios que estabeleci quando comecei a forjar a minha identidade. Um deles tem como base a teimosia de colocar aquilo que sou no que faço, mesmo que isso signifique fazer o contrário do que poderia ser mais bem sucedido. Na nossa actividade existe sempre a tentação de ajustar o que fazemos para ir ao encontro do que achamos que os outros vão apreciar.

Que não se espere esse tipo de movimento neste espectáculo. A sua criação partiu de uma fase difícil: luto, problemas de saúde mental, angústia, frustração, melancolia.

Évora, 8 de Outubro de 2022



Hoje escrevo numa garagem transformada em escritório de produção. É evidente que não é o espaço ideal para se gerir uma companhia, mas, apesar de tudo, muito melhor do que trabalhar em casa — onde tratámos de quase todos os aspectos relacionados com produção, administração, comunicação e até criação ao longo dos primeiros cinco anos de Mascarenhas-Martins. Esta realidade é comum a quase todas as estruturas de criação artística numa primeira fase de actividade. Imagino que um dia não tenha de ser assim, mas nada me faz supor que esse dia seja amanhã.

Quando comecei a trabalhar neste espaço pensei que se tratava, de certa forma, de um regresso às origens. As primeiras bandas em que toquei ensaiavam em garagens. Foi nesse contexto que comecei a pensar que não queria ter a vida que me estava mais ou menos destinada — como era bom aluno, filho de um médico e de uma professora, a expectativa parece-me que sempre foi a de que iria acabar por ter um percurso profissional numa das poucas áreas tidas como respeitáveis (muitas coisas mudaram desde os anos 90). A pressão não vinha tanto dos meus pais como do exterior: escola, colegas, amigos, pais de amigos. Uma vez alguém me disse que por eu ser como era tinha o dever de contribuir para a sociedade (a ideia implícita era que trabalhar nas artes nunca seria contributo suficiente).

Gosto de pensar nos tempos das bandas de garagem. Havia um entusiasmo que se torna difícil de manter quando é necessário equilibrar espontaneidade com burocracia, planeamento,

organização. Não quero com isto fazer uma apologia da irresponsabilidade. Parece-me que quem, como nós, trabalha sobretudo com financiamento público tem o dever de gerir de forma séria os recursos. Mas quando se trata de criação artística, sinto que essa seriedade tem uma relação directa com a liberdade de que não podemos abdicar.

No caso do espectáculo que estamos a preparar, a liberdade que decidi exercer foi a de assumir que podíamos partir de um processo que falhou. Decidi aproveitar material que iria ficar na gaveta e dar-lhe uma volta, o que implicava assumir os motivos que levaram a essa falha. Esta opção veio de um instinto que me surgiu quando a Maria [Mascarenhas] me disse que, contrariamente ao que estava previsto, preferia abdicar de dirigir este projecto (por motivos nada levianos que explico durante o espectáculo).

Sempre achei que as melhores coisas que fazemos são as que surgem dessa forma mais espontânea e irracional. A nossa actividade está muito longe do método científico. A questão que se coloca é se conseguimos expressar alguma coisa, se conseguimos que a maneira como concebemos cada objecto permita a partilha desse instinto, dessa vontade que nos impeliu a avançar. Não é uma tarefa fácil, sobretudo quando há imensos factores em causa, principalmente as pessoas envolvidas e a sua relação com o que é proposto. Não há espectáculos iguais, não existe uma fórmula ou metodologia que se possa aplicar.

Embora tenha decidido aproveitar tudo o que estava previamente definido para esta produção, adicionei a minha presença. E, talvez por andar a passar muito tempo em garagens, foi muito evidente que mesmo existindo já um músico em cena [André Reis], teria de tocar.

Montijo, 9 de Outubro de 2022



Hoje é dia de aniversário da nossa filha mais velha, Leonor. E também do João [Jacinto], actor que trabalha com a Mascarenhas-Martins desde o início.

Comecei o dia a cantar os parabéns, o que não me importo de fazer para os outros, mas por algum motivo sempre me causou desconforto quando é o meu aniversário. Entre as minhas primeiras memórias está gravado o momento em que chorei quando, depois de acenderem as velas, começou o coro quase sempre desafinado com que tive de lidar, ano após ano, até ao dia em que pedi que deixassem de o fazer. Por algum motivo cuja causa original me escapa, nunca associei os aniversários a momentos felizes. A passagem do tempo leva-me mais a reflectir do que a celebrar. Acontece-me o mesmo com a passagem de ano. Não creio que seja apenas a consciência da finitude que me leva a esse estado. É provável que exista alguma relação com a pressão que senti desde muito cedo para me integrar em rituais nos quais não me reconhecia. Obrigações sociais implícitas como estas sempre me soaram um bocado a coerção. Por mais que me falem de como os rituais promovem integração, no momento em que os recusamos há sempre uma desilusão qualquer que a maior parte das pessoas nos faz questão de transmitir, com a qual nunca me senti confortável.

Hoje fala-se muito mais sobre aceitação da diferença do que quando passei por alguns destes rituais. Ainda bem. Acho que na tentativa de evitar algumas coisas que não apreciava — a que se juntou a circunstância de viver bastante tempo longe de colegas e amigos — habituei-me a passar bastante tempo sozinho. Também

me chateava uma certa fricção social que quase sempre existia em convívios familiares. Os conflitos eram frequentes, seja por: visões políticas ou religiosas distintas; diferenças de atitude em relação à pontualidade (familiares que apareciam em jantares de Natal quatro horas depois da hora marcada, existindo a ridícula pressão para toda a gente esperar); ou até embirrações com hábitos de consumo alheios (discussões entre tios sobre o que eu devia ou não comer, para dar um exemplo do absurdo a que isto podia chegar).

Uso o meu caso para falar de um assunto que imagino que seja comum: a vontade de sermos um bocado mais como somos versus a pressão social para nos ajustarmos a um conjunto de normas implícitas. Sempre me pareceu que podemos ir muito mais longe no assumir das nossas idiossincrasias, sem que isso coloque em causa o respeito pelos outros. Isto não significa uma defesa do individualismo. Apenas o direito a evitar que nos cantem os parabéns, recusar praxes, ou ficar em casa em vez de ir àquele jantar de família que sabemos que vai correr mal. Já há sofrimento suficiente nas nossas vidas. Não creio que seja necessário sujeitarmo-nos a mais em nome de uma integração cujos contornos são duvidosos.

Montijo, 10 de Outubro de 2022



Primeiro dia de trabalho no Cinema-Teatro Joaquim d'Almeida. Se não tivesse tido a oportunidade de estagiar aqui, é possível que a Companhia Mascarenhas-Martins não tivesse sido fundada no Montijo. É verdade que a Maria

e eu já andávamos a planear ter uma estrutura nossa, mas o mais provável é que não tivesse uma relação fixa com nenhum local.

A primeira vez que vim ao CTJA foi algum tempo antes de cá trabalhar. Foi uma coincidência estranhamente premonitória. Ia ajudar uma amiga a filmar um ensaio de um espectáculo de dança. Por engano achou que era neste teatro. Entrámos no foyer e percebemos que estávamos no sítio errado. O ensaio era em Almada, no Teatro Municipal Joaquim Benite (gerido pela Companhia de Teatro de Almada). Foi para lá que fui trabalhar depois.

Essa minha passagem pelo CTJA e, em seguida, para um teatro com uma gestão completamente diferente, numa outra escala, foi uma oportunidade que valorizo imenso. Motivou-me a ficar aqui, no Montijo, onde achei que o nosso contributo podia ser mais importante do que alguma vez seria em cidades cuja oferta cultural é muito mais regular e diversificada.

Este espaço não é o ideal para se fazer teatro. Logo na sua inauguração, em 1957, há registo de Amélia Rey Colaço ter dito que o palco era pouco profundo (a profundidade foi aumentada na reabilitação, mas continua a ser diminuta para a escala do espaço). É natural que assim seja, porque foi claramente pensado para funcionar como cinema, função que cumpriu durante décadas, tendo sido central na história cultural do Montijo.

Tendo em conta a proximidade que queremos que exista entre actores e espectadores, ao exemplo do que fizemos noutras produções, a plateia será montada no palco para este espectáculo. Espero que em breve seja possível passarmos a apresentar espectáculos nessa escala mais íntima, num outro espaço. Gosto cada vez mais de espaços pequenos.

Mas claro que sempre que passar por aqui vou recordar a importância que este espaço teve nas nossas vidas.

Montijo, 11 de Outubro de 2022



No início deste ano passei por um momento crítico e comecei a fazer psicoterapia. Continuo a vir a Setúbal, embora agora com menos regularidade. Pensei, por isso, dedicar esta entrada ao tema da saúde mental. No entanto, por ter estacionado perto da Escola Secundária de Bocage, ocorreu-me que podia, em vez disso, partilhar um dos assuntos que de alguma maneira tinha deixado por arrumar e que abordei em diferentes sessões pelo impacto que acho que teve na minha vida.

Quando passei para o ensino secundário, tinha já começado a entusiasmar-me imenso com a ideia de ser músico. Na altura em que foi necessário escolher uma área de estudos, o meu interesse por aquilo que estava a desenvolver no ensino formal tinha desvanecido. Acabei por escolher artes, sem grande convicção. Pelo meio ainda experimentei umas semanas noutras áreas, sem que isso contribuisse para modificar a sensação. Queria desenvolver outras competências e sentia que estava a perder o meu tempo ali. À época o ensino era apenas obrigatório até ao nono ano. Depois de muitas discussões em casa, conversas com amigos, professores e, inclusivamente, uma reunião com o director da escola sobre o assunto, decidi sair. Estava convicto de que o meu percurso não precisava de passar por ali e comecei a dedicar o meu tempo a tocar, compor, gravar e, em simultâneo, a cultivar-me sem seguir qualquer programa. Li muito, ouvi imensa música, aluguei uma parte considerável dos filmes disponíveis no videoclube mais próximo de casa. E comecei a preparar o projecto a solo que

lancei aos 21: o disco “Ocean of Time”. No Blitz, a crítica de Rita Guerreiro dizia: “Levi ainda não sabe tudo o que queria (e adivinha-se que ainda não teve as condições para fazer tudo o que sabia). Mas também não quer ser mais do que é.” Acho que foi justa.

A minha opção por abandonar o ensino secundário não foi bem recebida por quase ninguém. A minha família ficou preocupada com a possibilidade de um dia querer tirar um curso superior e o ingresso não ser fácil, para além da natural preocupação sobre a improbabilidade de conseguir iniciar uma carreira bem sucedida na música. Tinham razão, não era assim tão fácil e embora não tenha sido um desastre, a verdade é que acabei por ter de mudar de rumo. Alguns amigos parece-me que ficaram incomodados, ou talvez tenha sido o facto de alguns pais terem julgado o acontecimento sem complacência. *Que não tivessem ideias...* Tenho consciência de que os meus pais também foram julgados, como se pudessem evitar que um dia começasse a exercer o meu direito a ser livre. Agradeço-lhes o facto de me terem apoiado, mesmo que de forma relutante num momento inicial.

Partilho esta história porque acho que passei muito tempo a tentar provar, acho que sobretudo a mim, que ter tomado aquela decisão não foi um erro. Sentia que tinha um ajuste de contas qualquer a fazer, como se toda a reprovção que me foi dirigida na altura tivesse ficado por resolver. E nesse sentido foi importante falar sobre o assunto de forma organizada, para o conseguir analisar de uma nova perspectiva, em vez de o tentar ignorar.

Hoje tenho muito orgulho nessa decisão. Mesmo com todas as consequências que teve, foi determinante para dar início a um trajecto com que me sinto cada vez mais confortável.

Setúbal, 12 de Outubro de 2022



Uma semana para a estreia. Trabalho técnico. Luz. Na verdade conto mais os dias para o final deste projecto do que para o primeiro dia em que o apresentamos. Não por não ter vontade que o vejam, mas por ser particularmente doloroso. E também por constituir uma espécie de fim de ciclo, a que tenho alguma esperança que se siga um período mais feliz.

Acabou-se o idealismo quase juvenil de quando fundámos a Mascarenhas-Martins. E sinto-me mesmo muito longe da ingenuidade com que fiz o meu primeiro disco. Tenho quase quarenta anos e trabalho há praticamente vinte neste sector, tendo passado por diferentes áreas. Acho que comum a todas é a sensação de falta de condições; a constatação de que estamos, na maior parte dos casos, a tentar fingir a realidade para conseguirmos prosseguir com o que desejamos. Só com grande força de vontade é que se consegue ser profissional da cultura em Portugal (tirando poucas excepções).

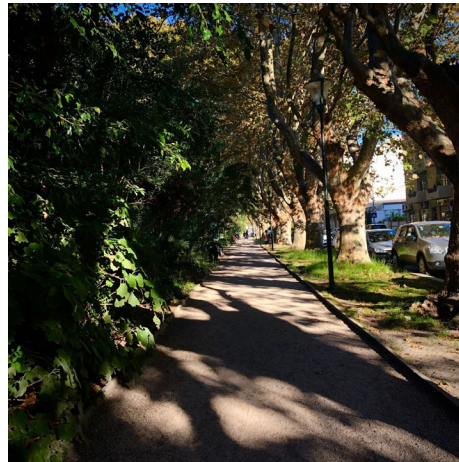
Um dos grandes desafios é existirem espaços de criação. No que diz respeito ao teatro, quantas são as companhias que têm a possibilidade de criar os seus espectáculos nas salas onde os vão estrear, ou pelo menos em salas de ensaio com condições equivalentes? Em resposta a isto muitos diriam que isso não compromete necessariamente a qualidade das criações. Não sei se podemos ter a certeza, mas até concedo que em certos casos pode ser verdade. Uma coisa é certa, não é fácil existirem condições de concentração e dedicação aos espectáculos que me pareçam adequadas. Nem falo de ideais; acho que muitas vezes se trabalha mesmo nos mínimos.

Estou cansado de lutar. Já perdi a conta às vezes em que falo sobre estes assuntos. E o mais complicado é perceber que em teoria quase toda a gente concorda. Bom, tirando aqueles cuja cegueira ideológica impede de perceber que o trabalho na cultura tem as suas especificidades. Mas na prática há sempre uma necessidade de adaptação que noutras profissões seria inaceitável.

A força de vontade acho que vem de uma crença de que este tipo de trabalho tem uma importância que não consigo medir. É muito mais da ordem da emoção, da sensibilidade, da política que se relaciona com a liberdade de nos expressarmos como entendermos, do que da economia, dos resultados quantitativos.

É um valor difícil de definir. É difícil de comunicar a quem nunca o sentiu. Se não formos nós, que trabalhamos neste sector, a defendê-lo, o futuro será muito pouco animador.

13 de Outubro de 2022



Chegou ao fim a primeira semana de trabalho no CTJA. Fui dar uma volta ao parque para pensar mas não consegui encontrar o silêncio de que precisava. No regresso apercebi-me da música que continuava a tocar na minha cabeça.

*“When the day is done
Down to earth then sinks the sun
Along with everything
that was lost and won
When the day is done”*

É assim que começa “Day is Done”, uma canção de Nick Drake que tocamos, em versão instrumental, no espectáculo. Fazia parte de uma playlist que a Maria tinha feito para este projecto, mas acho que até foi uma sugestão minha — há muito tempo que tenho particular apreço por música melancólica. Para um dos anteriores espectáculos da Maria, “Nó”, deu-me particular prazer ter a possibilidade de gravar um loop a partir da sequência de acordes de “Happiness”, de Elliott Smith. Acho que há pouco espaço para tristeza na vida. E pouco silêncio.

Montijo, 14 de Outubro de 2022



Hoje estamos a receber amigos cá em casa, o que nos permitiu recordar um período muito feliz e importante. A Maria e eu vivemos em Setúbal durante cerca de um ano, por volta de 2012. É onde vive um dos meus grandes amigos, Carlos Oliveira. Durante esse período era frequente encontrarmo-nos à noite, num bar que era ponto de encontro para muita gente: o Tasco do Kaneco. Foi aí que começámos a levar a sério esta ideia de companhia que acabou por materializar-se três anos mais tarde aqui, no Montijo. O Carlos, não sendo artista (embora tenha tido a oportunidade de fazer teatro em contexto escolar, com o extraordinário Don Pedro Dikota), teve uma influência crucial para abrimos a nossa perspectiva. A experiência que tínhamos tido na Escola Superior de Teatro e Cinema tinha sido muito centrada na criação, com muito pouco tempo de reflexão sobre as repercussões

políticas ou sociais do trabalho que poderíamos vir a desenvolver.

Entre os vários aspectos que discutíamos noite após noite, começou a tornar-se central a reflexão sobre arte e política. Acho que tentávamos, a três, pensar nos aspectos que poderiam justificar a existência da actividade artística, tendo em conta a análise que fazíamos do contexto com que tínhamos tido contacto. Sempre tivemos em comum o reconhecimento da importância da criação artística nas nossas vidas enquanto espectadores, embora, naturalmente, tivéssemos historiais muito diferentes. Esse ano, essas noites, permanecem na minha memória como dos melhores tempos que vivi até ao presente. Foi um período em que nos permitimos imaginar o impossível, assentando algumas das bases para o que viriam a ser as nossas opções estruturais para a Mascarenhas-Martins.

A propósito destas recordações deixo aqui uma passagem de “O Jardim das Delícias”, de João Aguiar que me pareceu sugerir uma forma interessante de contrariar a tendência para nos deixarmos aprisionar em qualquer tipo de rigidez ideológica.

“Trata-se, muito simplesmente, da Arte Suprema: encontrar a forma de evoluir e renovar sem destruir; transformar em vez de trucidar. Evolução em vez de revolução, porque a revolução, regra geral, acaba por conduzir-nos a um ponto não muito diferente do ponto de partida – e pelo meio ficam ruínas e cadáveres. O equilíbrio dinâmico há-de ser capaz de gerir conflitos, de mudar, de transmutar, até; o indivíduo e a sociedade. Há um equilíbrio dinâmico para todos nós, um para cada indivíduo, um para cada povo, por isso dificilmente haverá duas soluções políticas, económicas, etc, completamente iguais(…)”

15 de Outubro de 2022



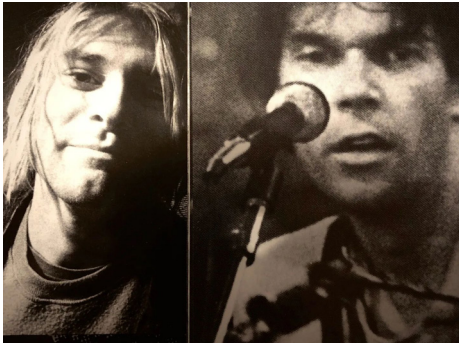
Se tivesse de escolher o meu lugar preferido em todo o mundo, acho que seria a Serra da Arrábida. São tantas as memórias, dos primeiros passeios enquanto criança, às primeiras vezes que o meu avô me deixou conduzir o seu carro, passando por todo o tipo de experiências, momentos de reflexão, de leitura, convívio, filmagens.

Foi também lá que tive a possibilidade de participar num espectáculo com características muito especiais: “A Encomendação das Almas”, a partir do livro de João Aguiar, com encenação do Carlos Carvalheiro (Fátias de Cá). Como tratava da relação entre um jovem e um homem mais velho, o Carlos arriscou convidar-me a fazer o jovem talvez por ter percebido que era muito amigo do Humberto Machado. Acho que nunca consegui fazer aquilo muito bem (nunca seria bom actor), mas foi inesquecível por diversos motivos, incluindo o ambiente muito especial do Convento da Arrábida, onde sempre me senti em casa.

Embora a certa altura tenha decidido, de forma um bocado impulsiva e abrupta, interromper a minha relação com o Fátias de Cá, reconheço a importância do grupo e o feito que é existir há tanto tempo (desde 1979). Ainda há pouco tempo me chegou, através das redes sociais, o eco do ambicioso gesto de terem decidido fazer o “Viriato” na Praça de Touros de Tomar (também a partir de um romance de João Aguiar).

Claro que para quem vive obcecado com perfeição formal ou com a última tendência estética, não é o tipo de trabalho que vá interessar. Mas no que diz respeito a conseguir criar uma prática à margem de quaisquer regras, propondo momentos verdadeiramente excepcionais na relação entre quem faz e quem assiste a espectáculos, é preciso fazer justiça ao Fátias de Cá e a quem, ano após ano, se entrega à sua causa.

Quintola de Santana, 16 de Outubro de 2022



I
Semana de estreia. A primeira vez que se falou neste projecto foi em 2019. Começámos a trabalhar nos textos em Julho. Os ensaios começaram a 22 de Agosto. Muitas vezes perguntam-nos porque é que não fazemos carreiras mais longas. Não tendo um espaço de apresentações, a resposta não depende só de nós. Quando e se o tivermos, naturalmente que o objectivo será ficarmos em cena muito mais tempo. Sigo muitas companhias nas redes sociais e é uma questão transversal, infelizmente. Por mais que se fale sobre o assunto, esta lógica parece resistir a qualquer crítica.

Escrevi o parágrafo anterior enquanto o Adelino [Lourenço] trocava alguns projectores, por uma questão de pormenor, o que diz muito sobre como o facto da carreira ser curta não faz com que o investimento de cada uma das pessoas envolvidas seja menor. Depois retomámos o ensaio e assim que este terminou o resto da vida (compras, jantares, tarefas) meteu-se pelo meio, o que me impediu de desenvolver o raciocínio.

II
Por acaso há uns dias revi no YouTube uma versão ao vivo de “Hey Hey, My My (Into The Black)”, de Neil Young, o que vem a propósito do pensamento anterior sobre as curtas carreiras dos espectáculos.

It's better to burn out than to fade away.

Este verso foi citado por Kurt Cobain na sua nota de suicídio. Uma das primeiras vezes que ouvi Nirvana deve ter sido na festa de aniversário de um amigo. O seu irmão mais velho, que era baterista, a certa altura decidiu meter a aparelhagem no máximo e interromper

o consumo de gomas com aqueles desabafos existenciais em forma de canção. Devia ter 11 ou 12 anos e tenho ideia da mitificação que existia em torno da morte de Cobain. Nunca me esqueci daquele momento, de repente abria-se a possibilidade de dar expressão a emoções que parecia que era suposto ficarem cá dentro. E, claro, no primeiro ensaio da primeira banda que integrei tentámos tocar “Smells Like Teen Spirit”.

E provável que hoje os Nirvana e o grunge pareçam datados, como a música de hoje certamente irá parecer datada aos meus filhos. E assim sucessivamente. Cada geração terá as suas referências. E cada geração terá a necessidade de contrariar as referências anteriores. Não é uma banda a que tenha regressado nos últimos tempos, mas é um facto que durante os ensaios para este projecto falei pelo menos uma vez de uma actuação de Kurt Cobain enquanto possível referência para um momento específico de uma das personagens.

Montijo, 17 de Outubro de 2022



É raro voltar às fotografias do passado. Mas como este ano a minha mãe fez uma mudança, ofereceu-me vários álbuns que eu nem sabia que existiam. Entre fatos de treino embaraçosos, fotografias de turma naquela disposição tipo plantel de futebol, almoços e jantares de família, encontro alguns registos da primeira vez que saí de Portugal. Foi uma viagem em dose dupla a Las Palmas, nas Canárias: não sei se primeiro com os meus pais e depois com os meus avós maternos, ou vice-versa. O que é certo é que, pelo menos numa das vezes, fomos visitar um parque temático que suponho que seja o Sioux City. O meu avô materno sempre gostou de westerns; talvez a escolha tenha sido dele, não faço ideia. Tenho ideia de assistirmos a um espectáculo à

noite, de certeza com malta a andar de cavalo de um lado para o outro e a disparar pólvora seca. Tenho ideia de ficar com um bocado de medo nesses espectáculos, tal como me recordo de ter medo nas poucas idas ao circo a que fui sujeito, em touradas e também no teatro.

Até bastante tarde achava que não gostava de teatro, talvez por ter assistido a um espectáculo qualquer em que os actores desciam à plateia e envolviam os espectadores (tenho quase a certeza que foi um Gil Vicente em contexto escolar). Os espectáculos ao vivo sempre me pareceram perigosos. Talvez tenha sido o que me atraiu a experimentar estar do outro lado, essa sensação de que podia acontecer alguma coisa inesperada. E ainda agora, mesmo que esteja apenas a assistir a um espectáculo que produzimos, por dentro há sempre qualquer coisa que não consegue descontrair.

Sem ter feito de propósito acabei por vir dar a esta sensação que temos quando se aproxima uma estreia, uma mistura entre entusiasmo e ansiedade. Cada vez que começamos um ensaio já começamos a imaginar o momento em que a luz de público desce e se instala o silêncio na sala.

Montijo, 18 de Outubro de 2022



Sinto sempre que os ensaios gerais são um bocado como a manhã antes de um exame. Nunca me pareceu que valesse a pena pegar nos apontamentos e rever a matéria. Prefiro tentar colocar-me no estado de espírito certo. A certa altura não há volta a dar, temos mesmo de confiar nas decisões que tomámos.

O processo de ensaios para este espectáculo foi o mais difícil por que passei. Tenho consciência de que também foi complicado para toda a equipa. Logo na primeira reunião surgiram imensas dúvidas sobre se este seria o caminho certo, dúvidas essas que sinto que nunca se dissiparam. Ao propor uma abordagem tão pessoal, tão exposta, compreendo as reservas de

quem tinha sido convidado para um projecto com características distintas. Mas foi com verdadeira convicção que me lancei a esta hipótese de colocar em cena não apenas textos que foram rejeitados pela Maria, mas também o contexto que levou a ser eu a assumir a direcção deste projecto. Queria experimentar uma atitude diferente da que tinha tido até então, permitir-me ser menos sensato, tentar uma hipótese de estruturação do trabalho mais com base no substrato emocional do que no intelecto e na razão.

É claro que sendo um projecto sensível isso também se traduziu numa maior instabilidade no que diz respeito à minha disposição. Acho que foi a primeira vez que me deixei ser mais verdadeiro, o que é muito menos agradável e simpático do que a minha versão anterior. Depois de um momento crítico em que coloquei muitas coisas em causa, incluindo a continuidade do meu trabalho neste sector, só me fazia sentido assumir a direcção de um projecto se no mesmo conseguisse colocar aquilo que sou. E, por isso, estou grato por terem aceiteado uma posição que pode parecer que transformou toda a equipa na banda de suporte de um artista a solo.

Estes textos só reforçaram a ideia de que todo o processo passou a ser sobre mim e as minhas preocupações. E é verdade que assim é. Não creio, no entanto, que as minhas angústias sejam tão específicas que não permitam qualquer tipo de identificação. Ou que, caso este projecto seja apenas interpretado como um capricho, não tenha o direito a que me dêem pelo menos o benefício da dúvida.

Para tentar encontrar o estado de espírito que me parece adequado, vim visitar a campa da minha avó. Foi a pessoa que mais me custou perder. Gosto de vir aqui porque é dos poucos sítios em que consigo estar em silêncio e chorar.*

Setúbal, 19 de Outubro de 2022

* Este meu movimento talvez precise de uma contextualização para não parecer o que não é. Desde que passei algum tempo em Scarborough, passei a ver os cemitérios mais como jardins, porque em Inglaterra a separação entre uns e outros muitas vezes não existe. Em todo o caso, há uma espécie de pacto que faz com que as pessoas fiquem em silêncio, o qual me parece importante para o tipo de recolhimento que procurava. As memórias que tenho da minha avó

são as melhores. Embora pudesse recordá-la em qualquer lado, há uma concretude neste ritual que me ajuda a evocar o amor que tínhamos um pelo outro. E a forma como sempre me incentivou a ter coragem. Isso comove-me sempre e dá-me alento para continuar.



Que raio de ideia a de ter de escrever o último texto deste diário no dia de estreia. Se pudesse, nestes dias ia em retiro para a Arrábida, ou enfiava-me numa garagem a tocar guitarra até ao momento de sair para o teatro.

Quase sempre que participo num espectáculo há um momento em que me questiono qual o motivo para este masoquismo. E é comum ouvir o mesmo tipo de comentário por parte de quem se coloca na mesma situação. Há pessoas a quem isto não acontece, mas não creio que sejam a maioria.

De repente imaginei um documentário sobre o tempo de preparação para os espectáculos, em que se registasse os rituais, as superstições, os aquecimentos, os cigarros, os imprevistos, o trabalho na bilheteira, da técnica, tudo o que acontece imediatamente antes da entrada do público. É um daqueles projectos que nunca terei tempo para fazer, mas gostava. Até porque se estivesse do lado de fora, a filmar, podia apreciar o facto de estar a salvo.

Acabo de escrever este texto seis horas e meia antes do início do espectáculo. E a pergunta já começou a rondar. “Porque é que decidiste meter-te nisto outra vez?”

Merda.

Montijo, 20 de Outubro de 2022



A partir do arquivo da Mascarenhas-Martins

Texto Levi Martins

Design gráfico e paginação António Santiago

Com fotografias de Levi Martins e Luana Santos

Uma publicação Mascarenhas-Martins

Outubro 2025

A Companhia Mascarenhas-Martins é uma entidade financiada por:

